

CATÁLOGO

De dentro para fora:
as coleções de referência
de Arqueologia do MAPA



Museu de Arqueologia e

Paleontologia de Araraquara

CATÁLOGO

De dentro para fora: as coleções de
referência de Arqueologia do MAPA



Museu de Arqueologia e
Paleontologia de Araraquara

Ficha Técnica

Realização

Fundação Araporã
Museu de Arqueologia e Paleontologia de Araraquara (MAPA)

Coordenação Geral

Robson Rodrigues

Coordenação executiva

Débora de Souza Simões
Natália Carvalho de Oliveira Checchi

Curadoria

Letícia Ferreira Ribeiro da Silva

Texto

Josiane Kunzler
Letícia Ferreira Ribeiro da Silva

Fotografias

Débora de Souza Simões
Natália Carvalho de Oliveira Checchi

Projeto gráfico e diagramação

Berba Fernandes

Fomento

Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo
Programa de Ação Cultural - ProAC Expresso Modernização de Museus

Como referenciar essa obra:

FUNDAÇÃO ARAPORÃ. De dentro para fora: as coleções de referência de Arqueologia do MAPA. Araraquara, 2021.



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	05
FUNDAÇÃO ARAPORÃ: curadoria e formação técnica	06
O MAPA: um museu de muitas histórias	07
O CATÁLOGO	09
INTRODUÇÃO	09
SEÇÃO 1 - PRIMEIROS HABITANTES	10
SEÇÃO 2 - DIVERSIDADE CULTURAL	21
SEÇÃO 3 - ARQUEOLOGIAS DO SÉCULO XXI	40
SEÇÃO 4 - PESQUISAS COM COLEÇÕES DO MAPA	56
GLOSSÁRIO	68
REFERÊNCIAS	69
ANEXO I	70





Apresentação

É com muita satisfação que a Fundação Araporã apresenta à sociedade mais um produto do seu trabalho junto ao Museu de Arqueologia e Paleontologia de Araraquara (MAPA). O catálogo “De dentro para fora - as coleções de referência de Arqueologia do MAPA”, desenvolvido pelo Grupo de Estudos em Museologia e Patrimônio (GEMP), no segundo ano de pandemia de COVID-19, representa não só um trabalho incansável voltado a garantir a preservação do acervo, mas também de dar acesso público a ele.

Este catálogo foi produzido paralelamente ao trabalho de conservação do acervo realizado ao longo de 2021 - “Curadoria do Acervo Arqueológico do Museu de Arqueologia e Paleontologia de Araraquara: conservação e extroversão”, com fomento do Programa de Ação Cultural (ProAC) nº 13/2020. É um documento atrelado à preservação, ao cuidado com o acervo, uma vez que a sua produção implicou na limpeza e em um maior detalhamento de informações acerca de 946 peças que compõem as coleções de referência, por meio de registros fotográficos que auxiliarão nas ações de acompanhamento do estado de conservação dos objetos.

Ele busca divulgar as coleções de referência do Museu. As peças estão apresentadas ora sozinhas ora em conjunto e aqui figuram como uma amostra do amplo e importante acervo arqueológico sob salvaguarda do MAPA. Hoje são quase 100.000 peças arqueológicas e, devido à importância delas para as pesquisas, uma seção especial do catálogo conta com a participação direta de especialistas que trazem suas experiências com os acervos do MAPA.

Dessa forma, trata-se de um documento que perpassa todas as áreas do museu: salvaguarda, pesquisa e comunicação, sendo capaz de alcançar diferentes públicos, desde pesquisadores/as, passando por educadores/as e chegando à comunidade em geral, se tornando uma ferramenta útil tanto para a sociedade quanto para a própria instituição.

Curadoria e formação técnica

A Fundação Araporã consiste em uma organização não governamental, de caráter científico, cultural e tecnológico, com atuação especialmente voltada para as demandas dos povos indígenas, o desenvolvimento etnoambiental, a etnoarqueologia e a educação patrimonial. Foi criada em 1994, a partir de demanda apresentada por Édina Silva de Souza, professora e liderança indígena Guarani, filha-herdeira de Marçal de Souza Tupã-i, assassinado em 1983 por defender os direitos indígenas no Brasil e cuja morte teve repercussão internacional. Araporã significa “luz boa, luz bonita”.

Desde cedo, compreendeu-se que a luta pelos direitos dos povos originários passa pelas instituições de memória e, em especial, pelos museus. Esses são lugares privilegiados na sociedade, onde narrativas são criadas a partir de objetos e divulgadas para um grande público. Mas, sobretudo, é onde narrativas podem ser recriadas a partir de fóruns sociais em que diferentes setores da sociedade podem se tornar protagonistas e sujeitos das histórias que são contadas sobre si.

Assim, ainda na década de 2000, a Fundação Araporã passou a atuar pelo desenvolvimento e o fortalecimento das instituições de guarda, pesquisa e comunicação do patrimônio de Araraquara, entendendo que a formação técnica é essencial para uma transformação a longo prazo. Desde 2011, é a responsável pela curadoria do acervo do Museu de Arqueologia e Paleontologia de Araraquara, por meio de convênio firmado com a Prefeitura de Araraquara.

Nesse contexto, é importante destacar a colaboração de uma ampla rede de profissionais e instituições que participaram em diferentes estágios até que o trabalho culminasse, agora, neste catálogo. É oportuno agradecer e evidenciar que esse é o resultado de um trabalho coletivo e que a Fundação Araporã está pronta para os próximos que vierem.



O MAPA: um museu, muitas histórias



Em relação à Paleontologia, o MAPA se destaca por ser o primeiro museu da região (e até do país) a se voltar especificamente aos icnofósseis, ou seja, vestígios de atividades de seres vivos que ficaram preservados nas rochas. Em Araraquara, pegadas de mamíferos e dinossauros e pistas de invertebrados ocorrem com abundância nos arenitos utilizados para o calçamento, oriundos de afloramentos ao redor da cidade.

O Museu de Arqueologia e Paleontologia de Araraquara, o MAPA, é um jovem museu de ciências no interior de São Paulo. Instituído pela Lei municipal n. 7.575, de 28 de novembro de 2011, ele tem vocação especial ao seu território. Seu objetivo é salvaguardar e disponibilizar, ao público em geral e a especialistas afins, acervos arqueológicos e paleontológicos de Araraquara e região. Seus estudos se voltam à construção de histórias indígenas para o interior paulista e à interpretação da história natural da região que já foi um grande paleodeserto, há mais de 135 milhões de anos.

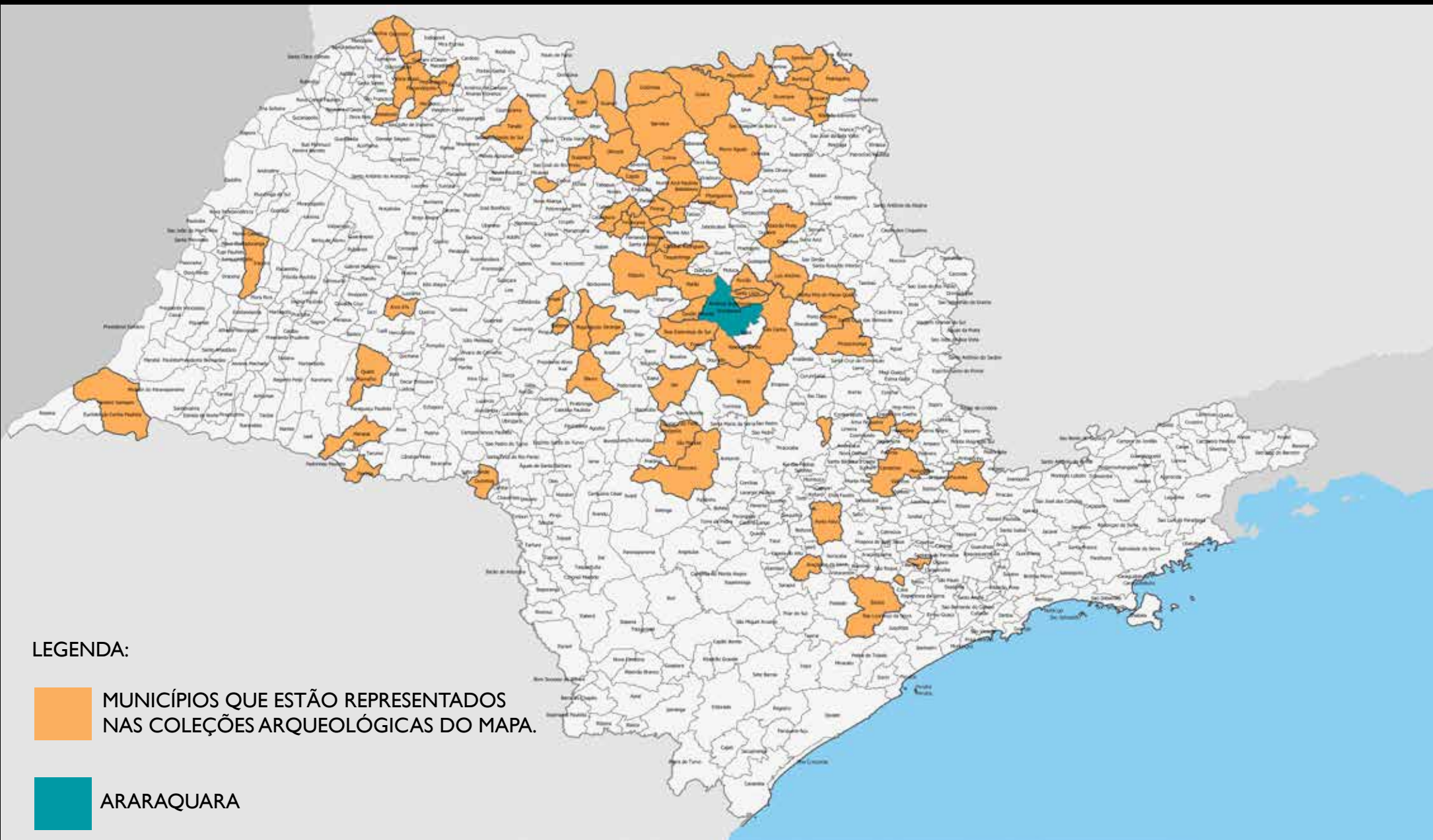
No âmbito da Arqueologia, estima-se um universo de quase 100 mil artefatos, entre líticos, cerâmicos, históricos, osteodontos e outros, correspondentes a 82 municípios, sendo 77 do estado de São Paulo. São coleções formadas no presente, especialmente oriundas de endossos de apoio aos estudos de licenciamento de empreendimentos e de pesquisas arqueológicas acadêmicas. Mas há também aquelas coleções herdadas do passado, que consistem em objetos transferidos do Museu Histórico e Pedagógico Voluntários da Pátria, na ocasião da inauguração do MAPA.

O corpo técnico envolvido com esse acervo busca garantir as condições ideais para prolongar a integridade física de cada uma das peças que ali se encontram depositadas. Mas também busca possibilitar estudos e ações de comunicação (como o presente catálogo), que configuram etapas essenciais para que itens em museus sejam transformados em objetos de museu com efetivo impacto para a coletividade.

No MAPA, assim como nos museus em geral, esses objetos são transformados em documentos. Com eles podemos interpretar histórias sobre o contexto social, cultural e ambiental de origem, que nos ajudam a compreender não só os modos de vida dos produtores de tais artefatos, mas também a sociedade em que vivemos, nos provocando a imaginar um futuro mais justo para os povos originários brasileiros.

E, mesmo jovem, o MAPA já tem muitas histórias para contar e disponibiliza algumas delas neste catálogo, valorizando ainda mais as suas coleções e oferecendo um produto informativo que poderá ser consultado em diferentes horários e locais e abrir novos caminhos de pesquisa e novas perspectivas educacionais, seja em Araraquara ou fora dela.

MAPA DAS COLEÇÕES ARQUEOLÓGICAS DO MAPA



O Catálogo

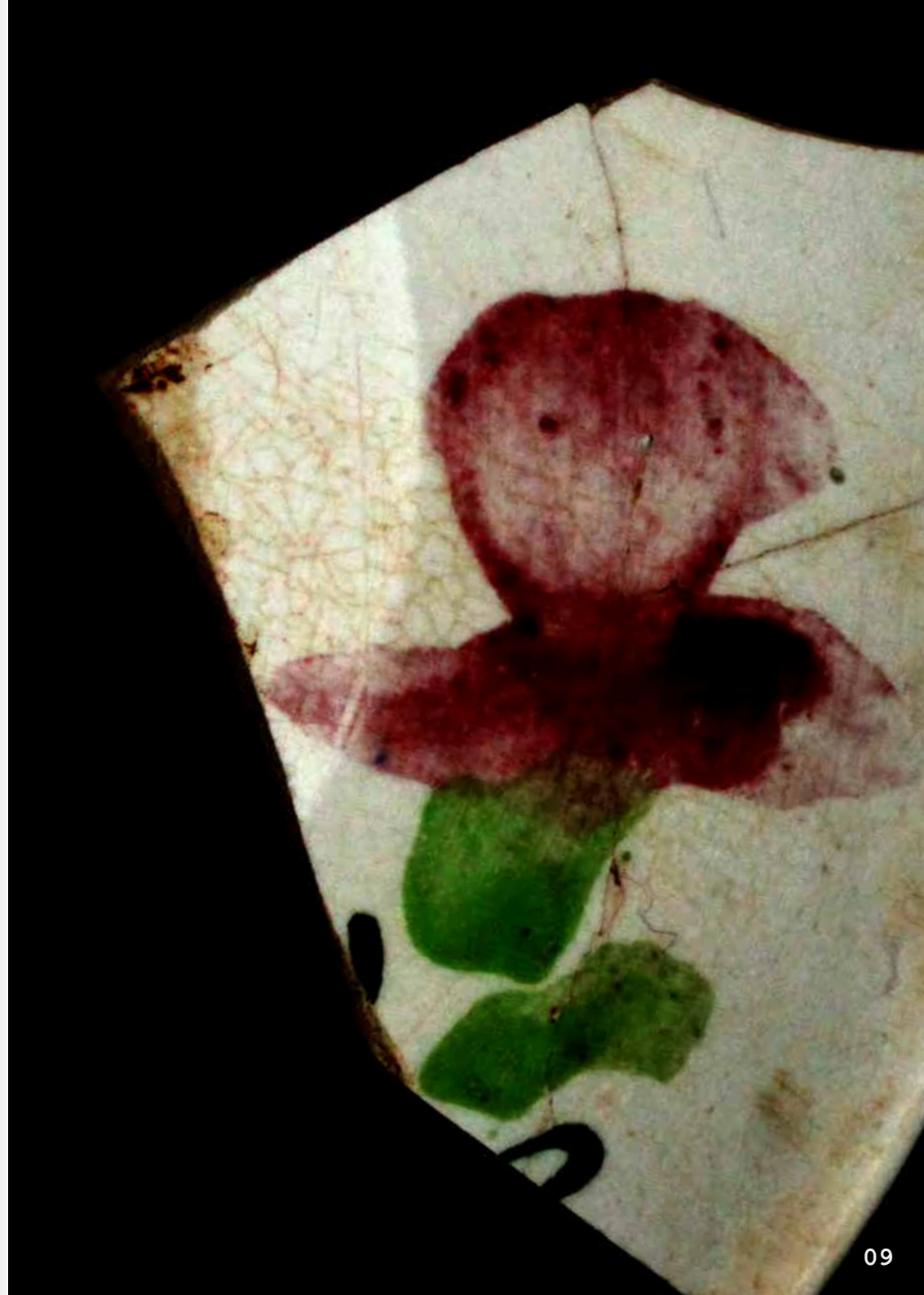
Introdução

Esse catálogo foi pensado em diálogo com a exposição de longa duração do MAPA, intitulada “Mapa: múltiplos olhares” e inaugurada em 2011. Ambos destacam as coleções de referência da Arqueologia do MAPA, ou seja, os conjuntos de artefatos que melhor representam os sítios arqueológicos de onde o acervo é oriundo, seja pelo seu aspecto morfológico, estético ou informacional.

Assim, a organização deste volume se apresenta por seções que remetem aos módulos expositivos, mas tem como objetivo trazer uma nova perspectiva sobre os contextos arqueológicos, atrelada a ideia linear e factual de história e buscando expressar as dinâmicas sociais do passado relacionadas à sociabilidade, não apenas aos sistemas econômicos.

As primeiras três seções foram denominadas como “Primeiros Habitantes”, “Diversidade Cultural” e “Arqueologia do Século XXI”. Além delas, há também a seção final que traz relatos de pesquisadoras/es que incluíram as coleções salvaguardadas no MAPA em suas investigações.

As imagens dos objetos estão organizadas com escala, para que seja possível dimensionar os objetos, além de conter designação (ponta de projétil, lasca, urna, adorno, etc), seguido do sítio arqueológico ou coleção de doação correspondente e ao seu número de identificação (p. ex.: Ca - 393 significa sítio Caetetuba e 393 o número da sequência que a peça ocupa). Para saber em que município cada sítio ou coleção de doação está localizado, acesse a listagem no anexo I, ao final do catálogo.



SEÇÃO 1



Primeiros habitantes

Seção 1:

Primeiros habitantes

Os primeiros habitantes da nossa região viviam em pequenos grupos cuja base econômica, ou seja, as principais atividades que garantiam a existência desses grupos, era a caça e a coleta de frutas, raízes e outros vegetais, por esse motivo, esses povos são reconhecidos pela arqueologia como “caçadores-coletores”.

Embora as atividades econômicas sejam de importância para a organização social dos grupos humanos é importante sempre lembrar que todos os povos, independente do lugar ou período, apresentam pensamentos simbólicos e visões de mundo que lhes são próprias e que se manifestam de múltiplas formas, inclusive na produção material.

Estudos realizados nos municípios de Boa Esperança, nos sítios arqueológicos Boa Esperança do Sul II e Boa Esperança do Sul III, e no município de São Manoel, no sítio arqueológico Caetetuba, mostram que o interior de São Paulo vem sendo ocupado há milhares de anos, com as primeiras ocupações entre 14 e 11 mil anos.

Dentre os vestígios mais comuns atribuídos a esses povos, os objetos de pedra lascada são os mais comuns, uma vez que são materiais que resistem às ações do tempo (como chuva, calor, acidez do solo, entre outras). Porém não devemos nos esquecer de que outros elementos também podem ter sido utilizados, por exemplo: ossos e dentes para a confecção de adornos; madeira para a construção de moradias; fibra vegetal para a produção de vestuários e bolsas; etc.

Em uma exposição é comum que algumas ferramentas e instrumentos ganhem destaque, seja por seu aspecto estético ou pelo primor técnico. Algumas dessas ferramentas também se comunicam pela própria imagem, pois se assemelham ao universo material popularmente conhecido como pontas de projétil (flechas e lanças), planos convexos e raspadores (ferramentas de corte, com gume serrilhado, semelhante a uma faca).

No entanto, para os/as pesquisadores/as, também são relevantes outros elementos utilizados na produção dessas ferramentas, bem como restos dessa atividade, pois ajudam a compreender o que chamamos de “cadeia operatória”.

A seguir, mostraremos algumas peças que compõem esse universo, entendido pelos/as especialistas como uma verdadeira indústria lítica.

Essas pesquisas foram realizadas como medidas de salvamento de sítios arqueológicos para a instalação de um Gasoduto e para a expansão do plantio de cana. Você pode acessar informações sobre as pesquisas em reportagens divulgadas nos sites:

<http://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2016/06/sitio-arqueologico-com-objetos-de-11-mil-anos-e-descoberto-em-sao-manuel.html>

<http://www.usp.br/agen/?p=211912>



Instrumentos

Instrumentos Unifaciais Plano Convexos

São ferramentas de corte feitas a partir de rochas lascadas cuidadosamente com o objetivo de formar gumes serrilhados (tais como uma faca de serra) que permitam cortar carne, couro e outros materiais.

Seu formato é alongado e achatado foi pensado para facilitar a preensão (segurar) e melhorar sua performance.

Quando muito utilizados, esses objetos tinham suas bordas retocadas com lascamentos pontuais que devolvem seu potencial de corte.



01

Instrumento: PLANO-CONVEXO

Sítio: RINCÃO I

Ri - 67



03

Instrumento: PLANO-CONVEXO

Sítio: RINCÃO I

Ri - 69



04

Instrumento: PLANO-CONVEXO

Sítio: RINCÃO I

Ri - 68



02

Instrumento: PLANO-CONVEXO

Sítio: MATÃO LUIZ ANTONIO 4

MLA4 - I



05

Instrumento: PLANO-CONVEXO

Sítio: BOA ESPERANÇA DO SUL III

BES III - 419





06

Instrumento: PLANO-CONVEXO
Sítio: CAETETUBA
Ca - 30



07

Instrumento: PLANO-CONVEXO
Sítio: CAETETUBA
Ca - 321



08

Instrumento: PLANO-CONVEXO
Sítio: CAETETUBA
Ca - 353

Objetos Bifaciais - Pontas de Projétil

As pontas de projétil, popularmente chamadas de “ponta de flecha”, que encontramos nos sítios arqueológicos costumam ser feitas em pedra. Há também registros desses objetos obtidos a partir de ossos ou dentes, mas esses são pouco frequentes, pois trata-se de materiais mais frágeis às ações do tempo.

As pontas compõem parte de uma ferramenta (a flecha ou lança) planejada para projetar. Seu uso mais conhecido é a caça, mas pode também ser uma ferramenta de guerra.

Seu formato triangular e a espessura fina permitem alcançar longas distâncias. Assim um animal poderia ser facilmente abatido.

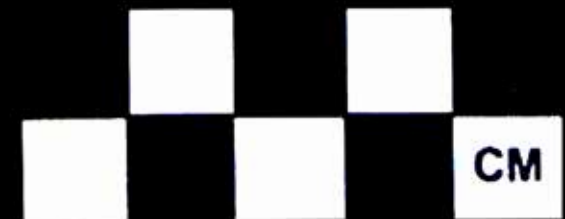
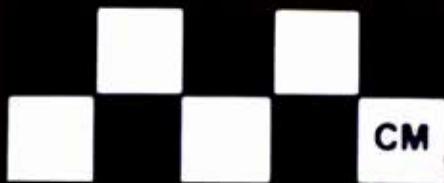


09

Instrumento: PONTA PROJÉTIL

Coleção: MAURÍCIO CORRÊA DIAS

MCD - 02



10

Instrumento: PONTA PROJÉTIL

Sítio: RINCÃO I

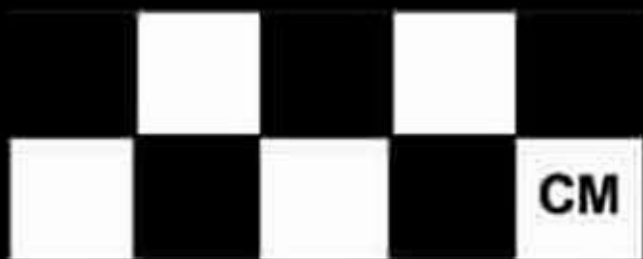
Ri - 15



11
Instrumento: PONTA PROJÉTIL
Coleção: MUSEU HISTÓRICO E PEDAGÓGICO
VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA
AQ - 224



12
Instrumento: PONTA PROJÉTIL
Coleção: MUSEU HISTÓRICO E PEDAGÓGICO
VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA
AQ - 225



13

Instrumento: PONTA PROJÉTIL

Sítio: CAETETUBA

Ca - 95

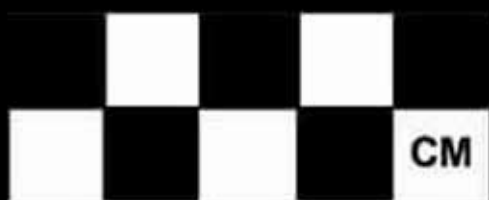


14

Instrumento: PONTA PROJÉTIL

Sítio: CAETETUBA

Ca - 303



Instrumento: PONTA PROJÉTIL

Sítio: CAETETUBA

Ca - 393

15



Instrumento: PONTA PROJÉTIL

Sítio: CAETETUBA

Ca - 668

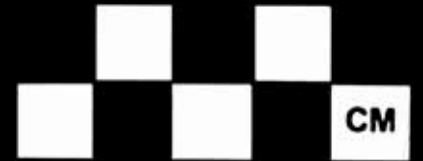
16

Outros Instrumentos

Além das ferramentas que já apresentamos, é comum encontrar nos sítios arqueológicos outras, com menos retoques, cuja forma não são tão familiares para nós, mas são de igual importância para os estudos arqueológicos.

Tratam-se de peças produzidas para diversas funções: entre elas cortar e/ou raspar, como os raspadores e as raspadeiras com retoques em apenas um dos lados; furar, como os furadores que apresentam sessão pontiaguda.

----- 17
Instrumento: INSTRUMENTO FURADOR
Sítio: BOA ESPERANÇA DO SUL II
BES II - 347



----- 18
INSTRUMENTO
Sítio: BOA ESPERANÇA DO SUL III
BES III - 132 / 135 / 412



----- 19
INSTRUMENTO
Sítio: GAVIÃO PEIXOTO II
GP II - 805

----- 20
INSTRUMENTO SOBRE LASCA
Sítio: CAETETUBA
Ca - 330 / 405 / 564

Ferramentas utilizadas no lascamento

Percutor

Sabe-se que a produção de instrumentos de pedra lascada acontece a partir do impacto intencional de um suporte rochoso. Assim, o percutor é o instrumento utilizado para golpear esse suporte. Frequentemente são encontrados percutores em seixos. As dimensões são variadas: grandes, utilizados para conseguir as primeiras lascas; ou pequenos, para retocar o gume de uma ferramenta.

Esse instrumento é utilizado em seu estado bruto, mas a ação do lascamento deixa marcas de desgaste que nos permite diferenciá-los de um seixo comum.

----- 21

Instrumento: PERCURTOR

Sítio: PIMENTA

Pi - 05



----- 22

Instrumento: PERCUTORES

Sítio: CAETETUBA

Ca - 588 / 605



----- 23

Instrumento: PERCUTORES

Sítio: JOÃO PEDRO III

JP III - 43 / 91



----- 24

Instrumento: PERCURTOR

Sítio: CAETETUBA

Ca - 500



Resíduos da Indústria lítica

A produção de uma ferramenta resulta em alguns resíduos que encontramos com frequência nos sítios arqueológicos: os núcleos e as lascas. Chamamos de núcleo o bloco rochoso de onde foram retiradas partes (lascas) para a confecção de ferramentas. Dependendo do tamanho e da qualidade (resistência) da rocha, um núcleo pode render muitos objetos, até que seu potencial seja esgotado e o mesmo seja descartado.

As lascas, por sua vez, são bastante numerosas e apresentam tamanhos variados, algumas podem servir de suporte para a confecção de ferramentas.



----- 25

LASCAS

Sítio: FAZENDA RIO PARDO I

FRP I - 349 - 356



26 NÚCLEO

Sítio: GAVIÃO PEIXOTO II

GP II - 818 / 934



----- 27

LASCA

Sítio: BOA ESPERANÇA DO SUL II

BES II - 60 / 334



SEÇÃO 2



Diversidade Cultural

Seção 2:

Diversidade Cultural

O território que hoje chamamos de estado de São Paulo é uma construção recente. Da mesma forma, à região do atual município de Araraquara já foram atribuídas outras denominações, como Campos de Araraquara ou “Sertões Desconhecidos”.

O topônimo Araraquara (cujo significado é bastante especulativo) pode fazer referência à paisagem local (devido à presença da Serra de Araquará, segundo informações de Pio Lourenço) ou ainda carregar traços linguísticos dos povos que aqui se estabeleceram no passado. Na língua Tupi Ara=luz/sol; Coara=buraco/toca, e assim, a cidade fica, ainda hoje, reconhecida como “a morada do sol”.

Cabe aqui pensar: ao longo de milhares de anos, que outros tantos nomes pode ter recebido? Quantos e quais povos já viveram nessas terras? A Arqueologia é uma das áreas do conhecimento que vem contribuindo significativamente para o conhecimento do passado e, conseqüentemente, para a apropriação do patrimônio a partir de vivências do presente.

Ainda que a história oficial local e regional apresente de forma genérica e pontual a participação dos povos e indivíduos indígenas na formação da sociedade atual, os registros arqueológicos trazem à tona diversos contextos de sociabilidade e relações interétnicas.

Na arqueologia brasileira é comum que adotemos a colonização como principal marco temporal, uma vez que trata-se de um evento que impactou significativamente as dinâmicas sociais dos povos originários tendo como pano de fundo políticas indigenistas que objetivavam a assimilação e neutralização dos povos originários em prol de um Estado-Nação.

Nessa Seção, apresentamos uma série de elementos, entre objetos de pedra polidas e fragmentos de vasilhas cerâmicas, que evidenciam a presença de diversos povos indígenas no interior paulista.

A diversidade de formas, cores e texturas presentes nessas coleções são testemunhos de conhecimentos e saberes perpetuados por séculos pelos artesãos e artesãs indígenas. Ademais, essa diversidade mostra ainda que esses povos não viviam de forma isolada, contavam com uma rede de relações diversas (conflitos, alianças) as quais resultaram em trocas de objetos e saberes.

Para melhor entendimento dessa diversidade e dinamismo, a Arqueologia recorre a diversas fontes textuais e iconográficas. Também o diálogo com outras ciências se faz importante, como a Antropologia, a História e a Linguística.

Os estudos de línguas indígenas tem, especialmente, colaborado com os estudos arqueológicos. É a partir desses estudos que arqueólogos/as vêm construindo modelos de ocupações antigas, o que implica em um importante passo para o entendimento das histórias indígenas.

Para o estado de São Paulo, temos evidências materiais pré-coloniais de povos indígenas diversos, cujas línguas faladas estão inseridas em dois troncos linguísticos: Tupi e Macro-Jê. Isso significa que, apesar da diversidade nos modos de vida, povos com línguas semelhantes têm uma origem em comum e, portanto, compartilham costumes, crenças, etc.



Evidências Tupi

Os povos Tupi são reconhecidos pela continuidade e persistência de saberes. De Norte a Sul do país encontramos vasilhas cerâmicas (íntegras ou fragmentadas) que mostram técnicas oleiras e costumes, associados à elas, que persistem por pelo menos 3 mil anos.

As grandes vasilhas pintadas, com linhas e faixas vermelhas e/ou pretas sobre fundo branco, são, sem dúvida, os objetos que mais se destacam. Elas nos encantam e evidenciam a destreza das ceramistas na construção das vasilhas e na composição dos desenhos.

É comum que essas vasilhas sejam encontradas com outras vasilhas menores e até mesmo com os restos mortais de um indivíduo. Isso acontece porque sua confecção era voltada para a produção de bebidas fermentadas, consumidas em festividades diversas. Mas a vasilha também poderia ser reutilizada, fazendo as vezes de uma urna funerária.

Há também as grandes panelas texturizadas, com superfície rugosa (ou corrugada) que otimizam sua performance no preparo de alimentos ao fogo.

E ainda, uma série de pequenos recipientes com os mais diversos acabamentos (pinturas, marcas de unha, pontilhados, incisões) e formas.

Os objetos em pedra também eram produzidos, entre eles: lâminas de machado, adornos (como o tembetá, um adorno labial).

Essas práticas foram observadas por inúmeros viajantes europeus que conviveram com povos indígenas nos primeiros séculos da colonização. Esses homens relataram suas experiências e perspectivas em crônicas, um estilo literário muito comum entre os séculos XV e XVIII. Também são importantes os dicionários produzidos por padres jesuítas. Hoje esses relatos nos ajudam a entender os contextos arqueológicos, mas é preciso sempre lembrar que se trata de uma perspectiva pessoal de uma pessoa em um dado momento.



FRAGMENTOS DE VASILHAS COM DIMENSÕES REDUZIDAS,
APRESENTAM DECORAÇÃO UNGULADA FEITA
COM A IMPRESSÃO DE UNHAS
Sítio: CACHOEIRA DE EMAS 2
CE 2 - I43/ 230/ 513/ 1535/1872

29

ADORNO LABIAL (tembetá)

Sítio: PIRANGI III

PIG III - 124



30

VASILHA CORRUGADA

Coleção: CEIMAM

Vaso B

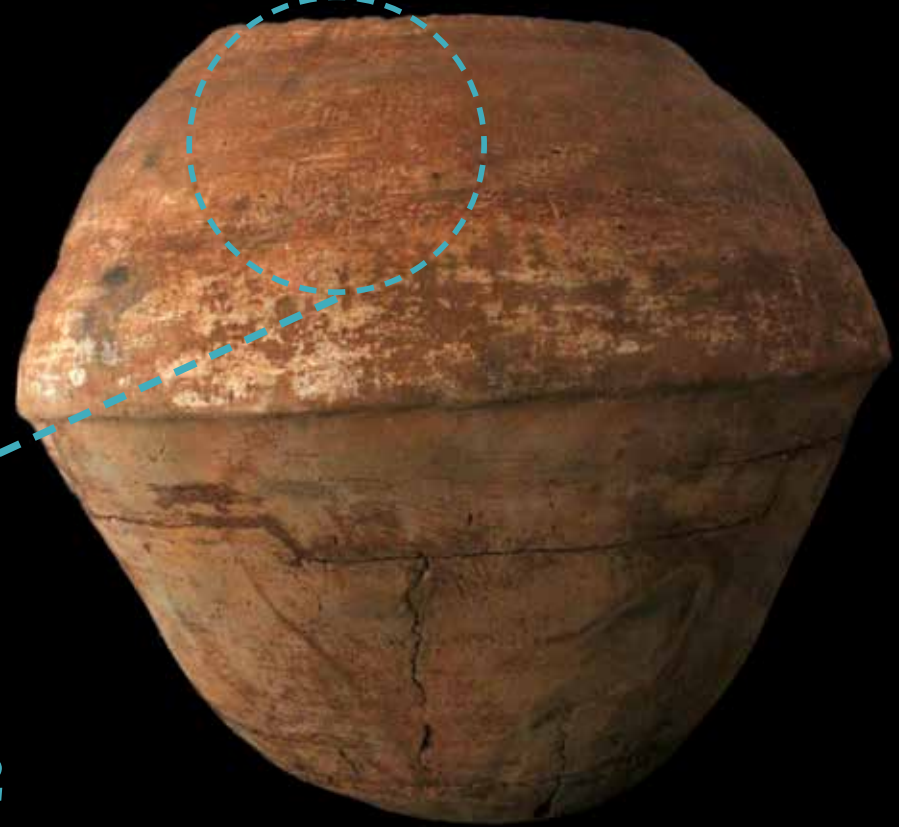


31

ADORNO LABIAL (tembetá)

Sítio: PITANGUEIRAS I

Pit I - 5452



----- 32
VASILHA COM PINTURA NA FACE EXTERNA
Coleção: MUSEU HISTÓRICO E PEDAGÓGICO
VOLUNTÁRIOS DA PATRIA
Sítio: Rapatoni





33 -----
VASILHA CORRUGADA PARCIALMENTE
RESTAURADA
Coleção: CEIMAM
Vaso A



----- 34
VASILHA COM SUPERFÍCIE EXTERNA
CORRUGADA
Coleção: MUSEU HISTÓRICO E
PEDAGÓGICO VOLUNTÁRIOS
DA PATRIA
ET - 0317



35 -----
VASILHA RASA RESTAURADA
ENCONTRADA EM SEPULTAMENTO
HUMANO
Sítio: OLIMPIA IV



----- 36
CAMBUCHÍ CAGUABA
(vasilha de beber)
Coleção: CEIMAM
CEIMAM - 439 a 469

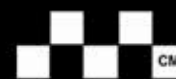




37 PEÇA COM PINTURA
GEOMÉTRICA VERMELHA
Sítio: ALVORADA I
AI I - 77



38 CONJUNTO DE PEÇAS
COM ACABAMENTO PLÁSTICO NA
FACE EXTERNA
Coleção: MAURÍCIO CORRÊA DIAS
MCD - 10,/ 141/ 142



39 PEÇA COM SUPERFÍCIE CORRUGADA
Sítio: ALVORADA IV
AI IV - 07



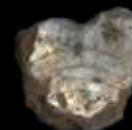
40 PEÇAS COM PINTURA VERMELHA
SOBRE FUNDO BRANCO
Sítio: SÃO JOÃO
SJO - 398/ 2184/ 2187



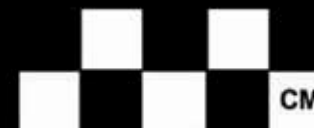


41 -----
CALIBRADOR (POLIDOR) DE PEDRA
Sítio: SÃO JOÃO
SJO - 1756/ 2437/ 2219/ 3425

----- 42
PEÇAS COM PINTURA VERMELHA
SOBRE FUNDO BRANCO
Sítio: SÃO JOÃO
SJO - 549/ 1484/ 598/ 1090/ 2383



43 -----
CALIBRADOR (POLIDOR) DE PEDRA
Sítio: SÃO JOÃO
SJO - 2735



Evidências Macro-Jê

A diversidade material associada aos povos Macro-Jê é grande. Na arqueologia ao menos três conjuntos cerâmicos são atribuídos a esses povos, mais especificamente as tradições Itararé, Aratu e Uru, apresentadas a seguir:

Cerâmica Aratu: uma de suas características mais marcante é a diversidade de formas. São comuns as grandes vasilhas com base cônica o bojo arredondado, utilizadas para armazenar grãos (como milho, feijão e amendoim). Há também evidências de cuscuzeiros, ou seja, vasilhas com base perfurada, utilizada para o cozimento de farinha de milho e ainda potes geminados. As pinturas são pouco recorrentes, mas podem ocorrer com faixas largas na cor vermelha. À esse conjunto também se relaciona os machados de pedra semi-lunares.

Cerâmica Itararé: Caracterizada pela coloração escura e os aspecto brilhoso, resultado de um polimento feito com fuligem e palha de milho (uma técnica que denominamos brunidura). Essas vasilhas são de pequenas dimensões, seus fragmentos são diminutos e de espessura fina, associados à essa cerâmica podemos encontrar também artefatos em pedra lascada.

Estudos mostram que essa cerâmica arqueológica foi produzida pelos antepassados dos povos Kaingang, que atualmente vivem nos estados de São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

Cerâmica Uru: Diferente das demais cerâmicas atribuídas aos povos de língua Macro-Jê, a cerâmica Uru se destaca pela forma (vasilhas rasas com bases planas) e pela leveza, resultado de uma argila temperada com fibra vegetal (a qual denominamos cariapé ou caraipé).



LÂMINAS DE MACHADO COM
CABO RECONSTRUÍDO
Coleção: CEIMAM

45

URNA JÊ

Coleção: CEIMAM

RG-49-CEI



46

RECIPIENTE CERÂMICO COM SUPERFÍCIE BRUNIDA
E MARCAS DE USO NA FACE INTERNA

Coleção: MUSEU HISTÓRICO

EGS - 468



47

BORDA DE RECIPIENTE EM MINIATURA
COM MARCAS DE TINTA NA FACE INTERNA

Sítio: BEBEDOURO I

BEBI - 213



48

FRAGMENTOS DE VASILHA COM
PINTURA VERMELHA APLICADA
DIRETO NA SUPERFÍCIE

Sítio: BEBEDOURO I

BEBI - 04/ 05 / 370



49

BORDAS ESFUMADAS

Sítio: COIÓS I

COIÓS - 36 / 144



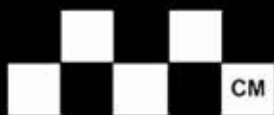
----- 50
 BORDAS ESFUMADAS
 Sítio: COIÓS II
 COIÓS - 54 / 101 / 267



51 -----
 BORDAS EXTROVERTIDA
 Coleção: MAURÍCIO CORRÊA DIAS
 MCD - 03



----- 52
 CUIA CERÂMICA
 Coleção: DOAÇÃO PONTAL



53 -----
 CONJUNTO DE BORDAS
 EXTROVERTIDAS
 Coleção: MAURÍCIO CORRÊA DIAS
 MCD - 22/ 76/ 58/ 83/ 95/ 74





BASE DE VASILHA COM
FORMATO CÔNICO
Sítio: CEMITÉRIO MARANATA
CM - 2494/ 2495

54



55 PEÇA COM IMPRESSÃO DE CESTARIA
NA FACE EXTERNA
Coleção: MAURÍCIO CORRÊA DIAS



BORDA COM LINHA INCISA
PARALELA AO LÁBIO
Sítio: CEMITÉRIO MARANATA
CM - 2375

56



57 FRAGMENTO DE CUSCUZEIRO
Sítio: RIO GRANDE
RG - 15

57



Polidos

Instrumentos de pedra polida (lâminas de machado, mãos de pilão, batedores, entre outros) são populares entre os povos indígenas brasileiros do passado. Não é raro nos depararmos com esses objetos em exposições museológicas e até mesmo em coleções particulares.

Essas peças se destacam pela forma e dimensão de modo tal que integram as narrativas populares brasileiras como manifestação dos céus. Popularmente conhecidas como “pedras de raio” ou “pedras de corisco”, esses objetos costumam ser encontrados pelos trabalhadores rurais no momento da lavra da terra.

A coleta assistemática e o colecionismo, embora impactem as pesquisas arqueológicas, são responsáveis pela formação de coleções de referência que cumprem atualmente importante papel na comunicação da arqueologia com a comunidade.



58

MÃOS DE PILÃO
Coleção: CEIMAM
CEIMAM - 416 / 417



59

MÃOS DE PILÃO
Coleção: MUSEU HISTÓRICO E PEDAGÓGICO
VOLUNTÁRIOS DA PATRIA
31/48



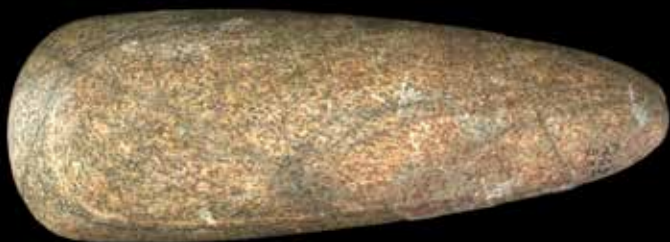
60

LÂMINAS DE MACHADO

Coleção: MUSEU HISTÓRICO E PEDAGÓGICO

VOLUNTÁRIOS DA PATRIA

AQ - 227 / 223 / 221



62

LÂMINAS DE MACHADO COM
FORMATO ALONGADO

Coleção: CEIMAM

CEIMAM- 403/ 409

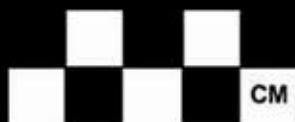


61

LÂMINAS DE MACHADO

Coleção: CEIMAM

CEIMAM - 413/ 404



----- 63
LÂMINAS DE MACHADO
Coleção: CEIMAM
CEIMAM - 405



64 -----
LÂMINAS DE MACHADO
Coleção: MUSEU HISTÓRICO E PEDAGÓGICO
VOLUNTÁRIOS DA PATRIA
31/47 - 31/44



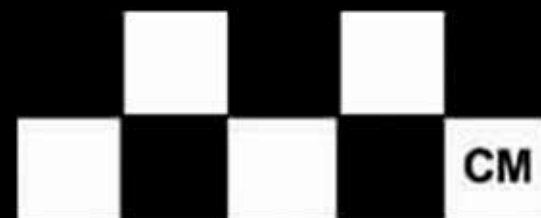
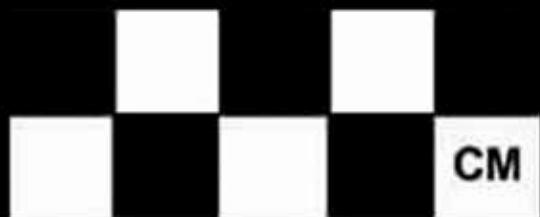
----- 65
LÂMINAS DE MACHADO
Coleção: MUSEU HISTÓRICO E PEDAGÓGICO
VOLUNTÁRIOS DA PATRIA
31/42 ,AQ - 0264 , 031/46

66

QUEBRA-COCO

Coleção: CEIMAM

CEIMAM- 720



SEÇÃO 3



Arqueologias do século XXI

Seção 3:

Arqueologias do século XXI

É sabido que a Arqueologia enquanto prática científica tem suas raízes no colonialismo. A origem da palavra (do grego: “arkhoios” antigo; “lógos” estudo) remete ao estudo do passado, e assim ela se consolida no cenário acadêmico, sendo frequentemente evocada como recurso para legitimação de discursos de poder, sendo os vestígios arqueológicos testemunhos materiais de episódios históricos.

Nas últimas décadas temos observado mudanças significativas na prática e nas reflexões arqueológicas. No Brasil, a virada democrática na segunda metade da década de 1980 representa a consolidação dos movimentos sociais, dentre eles os movimentos indígenas, feministas, negro e tantos outros que buscam o reconhecimento dos direitos de todos/todas aqueles que, até então, permaneceram às margens da sociedade.

Na cena arqueológica, uma nova leitura dos contextos pré-coloniais vem sendo delineada, apresentando os vestígios arqueológicos como elementos-chave para compor as histórias indígenas a longo prazo.

Na mesma medida o interesse pelo passado recente e a possibilidade de releituras de fatos e momentos históricos a partir do estudo da materialidade em sítios arqueológicos classificados como “Históricos” surge como caminho possível para o conhecimento e valorização dos modos de vida daqueles que não estampavam os livros didáticos, os monumentos e as exposições em museus.

Um exemplo disso são pesquisas dedicadas ao estudo de áreas quilombolas, de antigas fazendas, das casas sertanejas, entre outros.

Na chamada “Arqueologia Histórica” o estudo de lixeiras domésticas ajuda a compor o quadro social de uma época. A partir da análise de fragmentos de louças (xícaras, pratos, cerâmicas vidradas, entre outras categorias), vidros, moedas e outros materiais é possível estabelecer um quadro cronológico de ocupação.

A observação dos sítios históricos evidenciam a substituição dos utensílios cerâmicos produzidos em casa ou em pequenas olarias pelos objetos industrializados, dentre os quais os mais comuns são as porcelanas e as faianças finas (nomes atribuídos às louças que ainda hoje usamos em casa).

Apresentamos a seguir parte do acervo recente do MAPA que traz à tona uma série de objetos do cotidiano doméstico de pessoas que ocuparam a zona rural em áreas que, atualmente, são dominadas pelo plantio de cana.



ALIMENTAÇÃO

Panelas de barro



69 — CERÂMICA DE PRODUÇÃO LOCAL/ REGIONAL
COM SUPERFÍCIE ESCOVADA
Coleção: MAURÍCIO CORRÊA DIAS
MCD - 149

67 — CERÂMICA DE PRODUÇÃO LOCAL/ REGIONAL
COM SUPERFÍCIE ESCOVADA
Coleção: MAURÍCIO CORRÊA DIAS
MCD - 31/ 52/ 27/ 28/ 29



68 — PANELAS COM ALÇAS LATERAIS
Coleção: MAURÍCIO CORRÊA DIAS
MCD - 113/ 114/ 116/ 118

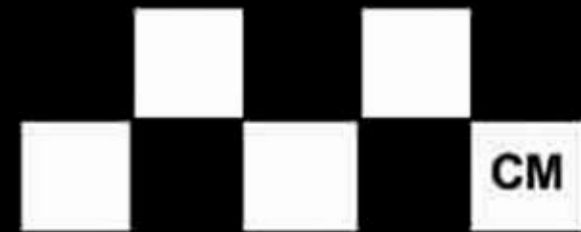


ALIMENTAÇÃO

Pratos



70 -----
PORCELANA COM
DECORAÇÃO TRIGAL
Sítio: COLÔNIA
CO - 119 - 122



----- 71
FAIANÇA FINA PINTADA A MÃO
Sítio: JURITI
Ju - 10



72 -----
PRATO EM PORCELANA COM DECORAÇÃO EM
DECALCOMANIA
Sítio: IGREJA VELHA
IV-33

ALIMENTAÇÃO

Pratos



BORDA DE PRATO COM DECORAÇÃO

EM TRANSFER PRINT

Sítio: MONJOLO

Mo - 249 - 252

73



BORDA DE PRATO COM DECORAÇÃO

EM TRANSFER PRINT

Sítio: MONJOLO

Mo - 7

74



BORDA COM DECORAÇÃO
PRODUZIDA EM DECALCOMANIA

Sítio: MONJOLO

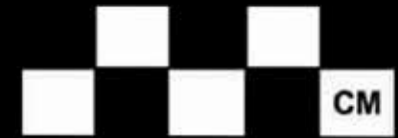
Mo - 235 - 237

75

ALIMENTAÇÃO

Pratos

----- 76
FAIANÇA FINA COM DECORAÇÃO
EM DECALCOMANIA
Sítio: MONTE ALTO
MA - 61 / 62 / 66



77 -----
FAIANÇA COM FRIZOS PINTADOS A MÃO
Sítio: PERIQUITO
Pe - Pe-97/ 115/ 273/ 527

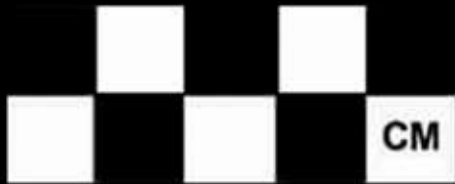


----- 78
CARIMBO DE FABRICANTE
Sítio: MONJOLO
MO - I



ALIMENTAÇÃO

Pratos



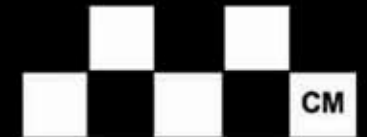
80

PORCELANA COM DECORAÇÃO
EM DECALCOMANIA

Sítio: PIRAPORA
Pi - 37

FAIANÇA FINA COM DECORAÇÃO
EM ESTÊNCIL
Sítio: PIRAPORA
Pi - 157 / 140

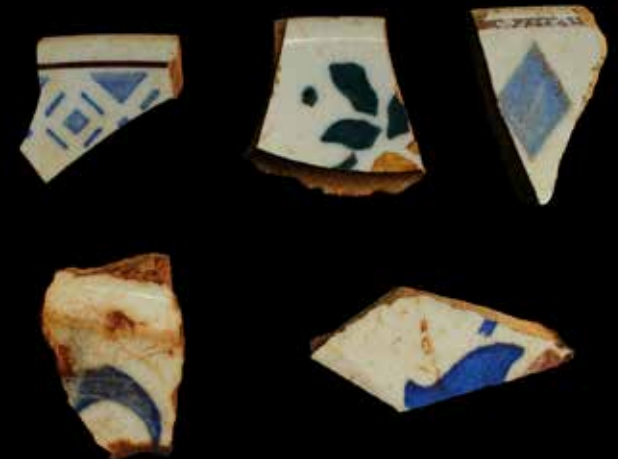
79



81

FAIANÇA COM DECORAÇÃO
ESTÊNCIL

Sítio: PERIQUITO
Pe - 85 / 337 / 377 / 255 / 141



82

FAIANÇA FINA COM DECORAÇÃO
EM TRANSFER PRINT

Sítio: PIRAPORA
Pi - 01 / 46

ALIMENTAÇÃO

Talheres



83

CABO DE TALHER

Sítio: CASCA

Cs - 10

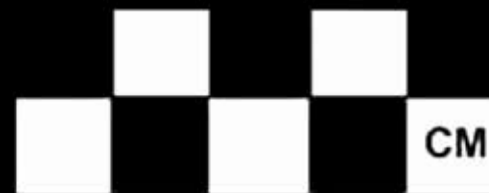


84

FACA

Sítio: IGREJA VELHA

IV - 39



85

ESCUMADEIRA

Sítio: MONTE ALTO

MA - 13

ALIMENTAÇÃO

Xícaras



86

XÍCARA EM PORCELANA COM
DECORAÇÃO EM DECALCOMANIA

Sítio: IGREJA VELHA

IV - 34



87

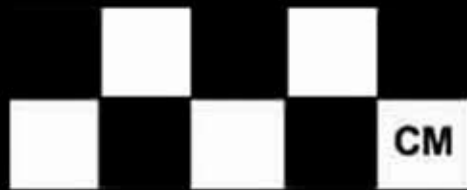
XÍCARA COM SUPERFÍCIE
MODIFICADA

Sítio: MONJOLO

Mo - 187

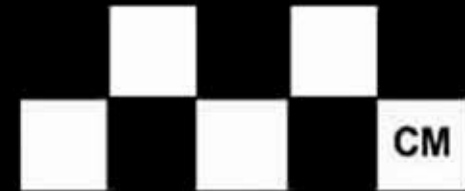
ALIMENTAÇÃO

Xícaras



88

XÍCARA
Sítio: MONTE ALTO
MA - 6



89

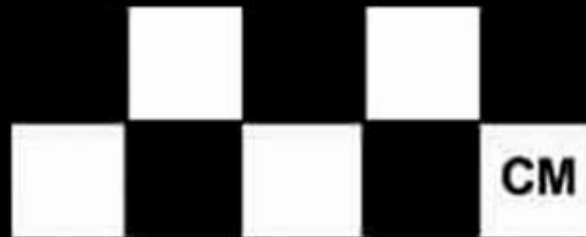
XÍCARA COM PINTURA
Sítio: MONJOLO
Mo - 220

CACHIMBOS DE BARRO



90

CACHIMBO
Sítio: PIRAPORA
PI - 151



91

CACHIMBOS
Coleção: MAURÍCIO CORRÊAE DIAS
MCD - 148 / 11



FÁRMACOS



FRASCO DE CONTEÚDO
FÁRMACO
Sítio: PIRAPORA
Pi - 100

92



FRASCO COM CONTEÚDO
FÁRMACO
Sítio: MONJOLO
Mo - 5

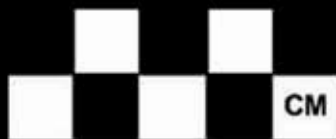
93



FRASCO COM CONTEÚDO
FÁRMACO
Sítio: MONJOLO
Mo - 64

94

HIGIENE



95

TUBO DE PASTA DENTAL

Sítio: MONJOLO

Mo - 40

LÚDICO

----- 96

BOLA DE GUDE

Sítio: FAZENDA SANTA MARIA

FSM - 66

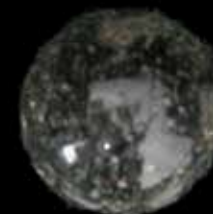


----- 97

BOLA DE GUDE

Sítio: MONTE ALTO

MA - 17



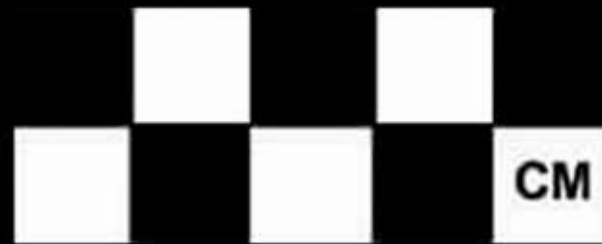
MOEDAS

98

MOEDAS

Sítio: PIRAPORA

PI - 03 / 34



99

MOEDAS

Sítio: MONTE ALTO

MA - 5



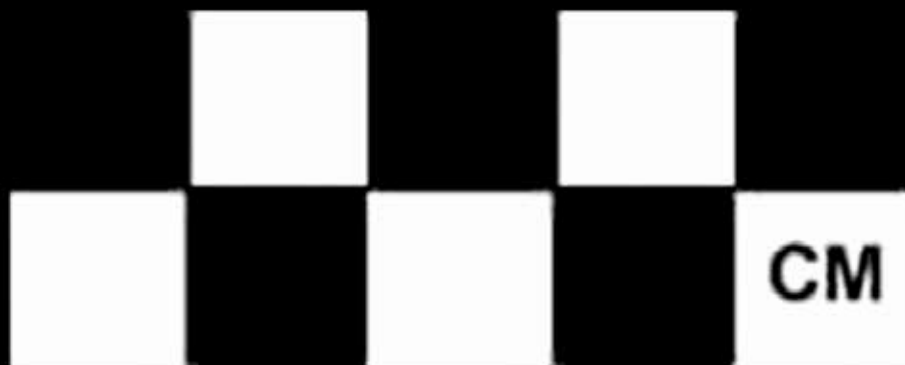
MEDALHA

100

MEDALHA

Sítio: PERIQUITO

Pe - 356



TRABALHO / CONSTRUTIVO

----- 101

ENXADA

Sítio: MONTE ALTO

MA - 8



102 -----

TIJOLO

Sítio: IGREJA VELHA

IV - 05 / 06



----- 103

FERRADURA

Sítio: CASCA

CS - 45



SEÇÃO 4

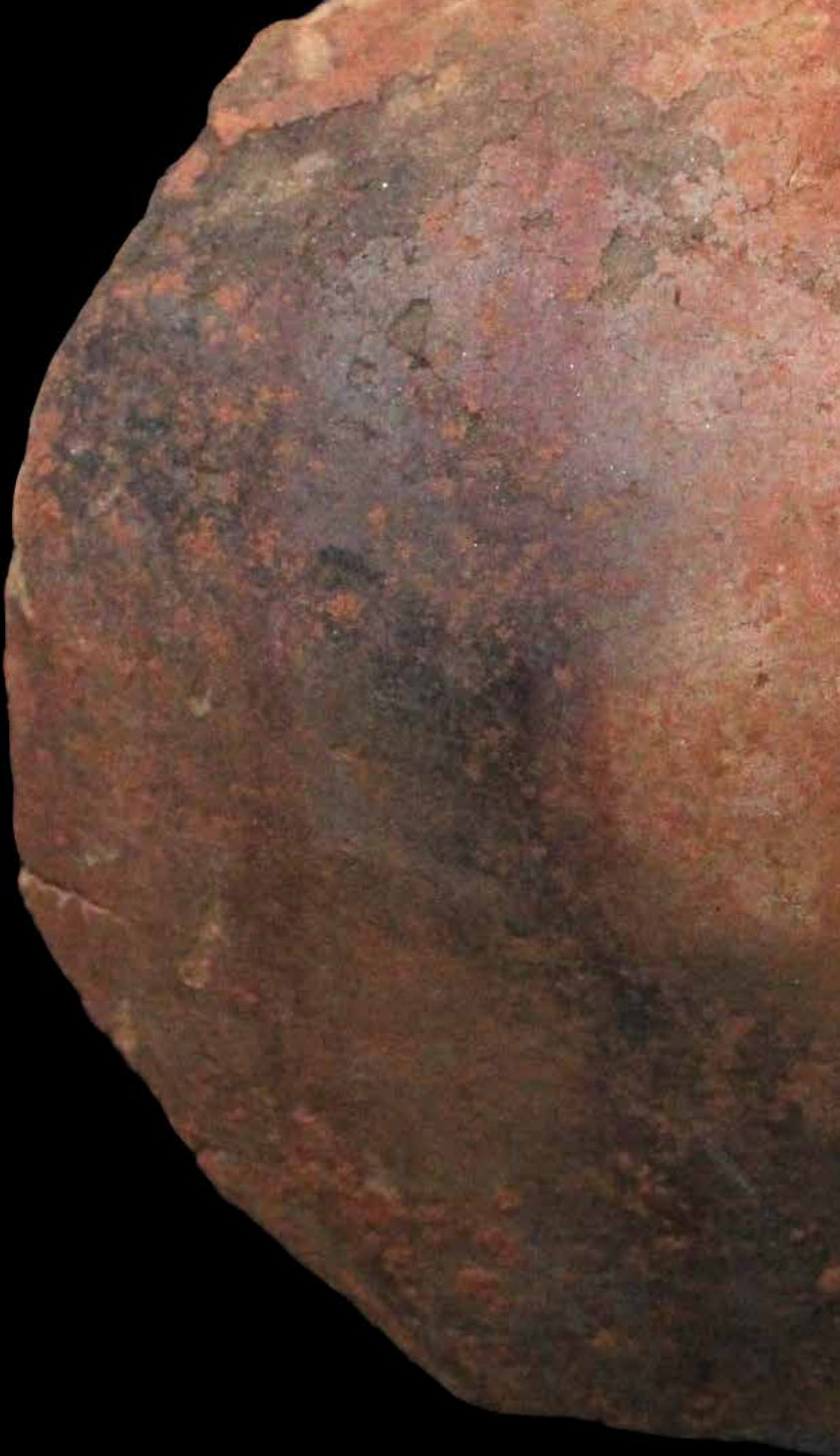
Pesquisas com coleções do MAPA

Pesquisas com coleções do MAPA

Como vimos, o MAPA salvaguarda inúmeras coleções de sítios arqueológicos advindas de diversas partes do estado, algumas dessas coleções foram estudadas por pesquisadoras/es que com suas investigações contribuíram e contribuem para o avanço das discussões em relação às ocupações e tecnologias utilizadas pelas populações pretéritas.

Nesta seção trazemos depoimentos dos/as pesquisadores/as que realizaram suas pesquisas no MAPA, tais como: Robson Rodrigues com a tese de doutorado “Os caçadores-ceramistas do sertão paulista: um estudo etnoarqueológico da ocupação kaingang no vale do rio Feio/Aguapei” (RODRIGUES, 2007), Camila Moraes Wichers com a dissertação de mestrado “Arqueologia Tupi no nordeste de São Paulo: um estudo de variabilidade artefactual” (MORAES, 2007) e tese de doutorado “Patrimônio Arqueológico Paulista: propostas museológicas para sua preservação” (MORAES WICHERS, 2012),

Solange Nunes Schiavetto com a tese de doutorado “Arqueologia Regional e Educação: proposta de estudos sobre um passado excluído de Araraquara/SP” (SCHIAVETTO, 2007), Danilo Galhardo com a dissertação de mestrado “Tecnologia Lítica: Estudo da Variabilidade em Sítios Líticos do Nordeste do Estado de São Paulo” (GALHARDO, 2010), Fábio Grossi com a dissertação de mestrado “Sítios Líticos no Interior Paulista: Um Enfoque Regional” (GROSSI, 2011), Maria Mercedes Martinez Okumura, João Carlos Moreno de Sousa com a tese de doutorado “TECNOLOGIA DE PONTA A PONTA: Em busca de mudanças culturais durante o Holoceno em indústrias líticas do Sudeste e Sul do Brasil” (MORENO DE SOUSA, 2019); além destas pesquisas concluídas, há duas pesquisas de doutorado em andamento, uma de autoria de Pedro Michelutti Cheliz “Geomorfologia, transformações ambientais e registros arqueológicos líticos da Antiga Araraquara” e outra com autoria de Renan Pezzi Rasteiro “Arqueologia dos Povos Jê Meridionais na bacia do Rio Grande: redes de interação e variabilidade cerâmica no sertão paulista”.



A coleção arqueológica Kaingang foi constituída a partir das pesquisas desenvolvidas por Robson Rodrigues, para compor sua tese de doutorado intitulada: **Os caçadores-ceramistas do sertão paulista: um estudo etnoarqueológico da ocupação Kaingang no vale do rio Feio/Aguapeí**, defendida no ano de 2007 no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo - MAE/USP.

Em São Paulo o povo Kaingang é habitante imemorial dos vales e espigões do interior paulista, a oeste, margeando os rios Tietê, Peixe, Feio/Aguapeí, Paranapanema e inúmeros outros menores. Desde 1914 ocupam a Terra Indígena Icatu, às margens da estrada Penápolis-Aguapeí, no município de Braúna e a Terra Indígena Índia Vanuíre, próximo ao rio Feio/Aguapeí, no município de Arco Íris.

Com o desenvolvimento das investigações arqueológicas sistemáticas cinco sítios arqueológicos foram selecionados para a realização de escavações e coleta dos artefatos. Como resultado dessas pesquisas, as evidências observadas apontaram para uma associação destes vestígios culturais diretamente associados à antiga aldeia da ocupação Kaingang na região, acontecendo a partir dos séculos XIV e XV, apontado pela datação dos fragmentos cerâmicos.

Os vestígios encontrados nos sítios arqueológicos pesquisados correspondem a peças líticas lascadas, fragmentos de vasilhames cerâmicos e restos orgânicos (dentes de animais e fragmentos ósseos).

O principal fator de análise do material arqueológico desta coleção foi o cerâmico, sendo que em sua maioria correspondem a fragmentos de parede, em menor quantidade encontram-se bordas que permitiram a reconstituição gráfica de alguns vasilhames. No decorrer da análise da coleção constatou-se que na preparação da pasta para confecção dos vasilhames os elementos mais adequados para dar plasticidade à argila foram o antiplástico de caco moído e o antiplástico de mineral.

A técnica de manufatura utilizada na confecção dos vasilhames foi, predominantemente, o acordelado, porém, em algumas peças percebeu-se a modelagem na confecção de algumas bases. Estes vasilhames cerâmicos apresentaram uma espessura da parede variando entre fino e médio, com um tratamento de superfície, tanto na parte externa da peça quanto na interna, com o alisamento.

Um aspecto importante e que se destaca nessa pesquisa diz respeito à decoração. Dos fragmentos analisados percebeu-se como principal elemento decorativo a predominância de manchas de fuligem tanto na face interna como na externa, provocado, provavelmente, por um processo de esfumaçamento do vasilhame. Essas manchas se associam a um polimento mais intenso e que deixa a peça com um brilho destacado em sua superfície. Esse procedimento é definido como brunidura.

Nota-se neste produto da olaria indígena a intencionalidade da ceramista em tratar a superfície da peça a partir do desenvolvimento de uma técnica que se baseia na aplicação de pigmentos de fuligem a partir de um esfumaçamento que gera manchas pretas e que se espalham pelo corpo da cerâmica, de acordo com o movimento provocado pela ceramista.

No estilo decorativo Kaingang não se vê regularidades presentes nas faces da peça. A partir da técnica de pigmentação, as manchas vão se formando aleatoriamente na superfície da cerâmica.

O processo segue as escolhas realizadas pela artesã, a partir da manipulação do utensílio ainda incandescente em contato com materiais orgânicos que se aquecem com facilidade e resultam numa combustão incompleta.

Os dados apresentados pelos diferentes atributos definidos na análise cerâmica formam um conjunto de traços diagnósticos importantes e que contribuem para a construção da ideia de uma Aldeia Kaingang Arqueológica a partir da correlação de elementos comuns presentes nos sítios arqueológicos estudados. Nesse sentido, o panorama obtido a partir das pesquisas e resultados apresentados em sua tese, fortalece a ideia da presença da população Kaingang no contexto do oeste paulista, principalmente na região do médio-alto curso do rio Feio/Aguapeí, pelo menos, a partir do século XIV como se configura no resultado da datação do material cerâmico.

Pesquisador e professor do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (PPGCS-INCIS) da Universidade Federal de Uberlândia-UFU, participa da coordenação do Grupo de Pesquisa CNPq: Grupo de Estudos e Pesquisas em Arqueologia, Etnologia e História Indígena (GEPAEHI/NUPECS/INCIS/UFU) e presidente da Fundação Araporã. Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), mestrado e doutorado em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), pós-doutorado em Antropologia junto ao Departamento de Antropologia, Política e Filosofia da Universidade Estadual Paulista (UNESP) e pós-doutorado em Antropologia junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia (PPGCS /UFU).

Sou bacharel em Ciências Sociais pela UNESP de Araraquara e, desde o início de minha graduação, interessei-me pelo estudo do passado de Araraquara. No momento de minha graduação, o MAPA não existia, e fazíamos atividades voltadas para o patrimônio arqueológico no Museu Histórico e Pedagógico Voluntários da Pátria, cuja coordenadora, Virgínia de Gobi, pela sua relação com o Centro de Estudos Indígenas “Miguel Angel Menéndez”, da UNESP, sempre foi uma incentivadora de tais atividades. Quando o MAPA foi criado, em 2008, meu doutorado já havia sido finalizado.

Nele, fiz pesquisas arqueológicas no médio Mogi Guaçu, bacia do rio Pardo e médio Jacaré Guaçu, bacia do rio Tietê. No mesmo período, com o amigo e arqueólogo Robson Rodrigues iniciei atividades de Arqueologia de Contrato na região. Boa parte do material de sítios encontrados nas pesquisas que realizamos compõem o acervo do MAPA. No meio do acervo, muitos materiais suscitam em mim memórias das andanças na região. Fazem parte de minha construção enquanto pesquisadora e defensora da preservação do passado. Dentre todos esses materiais, destaco as urnas encontradas no município de Rincão. Este material já era conhecido desde a década de 70 do século passado, suas urnas ficavam expostas no Museu municipal de Araraquara e sempre despertaram grande interesse, sobretudo das pessoas da região, que pouco haviam ouvido falar de seu passado indígena. Com as pesquisas, pudemos localizar o filho do antigo dono da fazenda Bom Retiro, em Rincão, e ele nos levou até o local dos achados, que foi registrado como Sítio Arqueológico Rapatoni, em homenagem ao antigo dono da propriedade, Sr. João Rapatoni. Seu registro constitui-se em importante marco para futuras pesquisas na região de Araraquara. Ele integra um conjunto de sítios que são testemunhos das interações culturais vivenciadas antes da chegada do colonizador europeu e atesta a riqueza cultural do interior paulista.

Docente na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Memória, Cultura e Educação, UEMG/Poços de Caldas, possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), mestrado em História Social do Trabalho pelo IFCH/Unicamp, doutorado e pós-doutorado em História pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH/Unicamp).

Em 2006, durante meu mestrado, participei de estudos arqueológicos no âmbito do licenciamento ambiental de uma ponte sobre o rio Mogi-Guaçu, em Cachoeira de Emas, município de Pirassununga/ SP. Minha relação com essa área vinha sendo tecida por meio da coleção arqueológica reunida por Manuel Pereira de Godoy (1922-2003). Esse novo momento oportunizou o cadastro dos sítios arqueológicos Cachoeira de Emas 1 e 2 (CE1 e CE2), que correspondem às coleções homônimas, que compõem o acervo do MAPA.

Implantados em topo de colina suave, os sítios CE1 e CE2, distam cerca de 800 e 400 metros do rio Mogi-Guaçu, e integram uma longa e diversa história indígena na Cachoeira de Emas, marcada também por invasões e silenciamentos perpetrados pela colonização. Em 1935, Ruy Tibiriçá fez a primeira referência ao material cerâmico de Cachoeira de Emas, e em 1946, a publicação de *Los extinguidos paingú de la Cascada de Emas de Godoy*, correlacionou os vestígios coletados aos dados etno-históricos e etnográficos dos Tupi-Guarani. Existem, ainda, menções de que Dina Dreyfus e Claude Lévi-Strauss teriam feito incursões no local.

Se as informações existentes demonstravam a potencialidade do local para a construção das histórias Tupi no Mogi-Guaçu, os sítios CE1 e CE2 ampliaram os olhares existentes, o primeiro com um conjunto artefactual que remete ao tronco Macro-jê, quiçá, relacionado aos Kayapó indicados na documentação histórica, e o segundo com material Tupi. CE1 forneceu 251 fragmentos de vasilhas cerâmicas e 91 peças líticas, enquanto CE2 forneceu 2346 fragmentos cerâmicos e 21 líticos. A datação do CE1 foi de 510±70 anos e do CE2 450±60 anos, indicando a interação entre distintos povos nos séculos XV-XVII, bem como relações com os impactos da colonização europeia. De fato, as análises evidenciaram a troca de objetos, pessoas e informações.

As experiências vivenciadas em Cachoeira de Emas me marcarão para sempre. As escolhas das mulheres indígenas artesãs, as redes de ensino-aprendizagem, as continuidades e as mudanças, se revelaram nessas duas coleções que fazem parte do MAPA: em CE1, um contexto Macro-Jê, os corpos delgados e bem alisados das vasilhas, a presença de cariapé e um processo cuidadoso e controlado de queima com secções transversais escuras, sem núcleos; em CE2, a virtuosidade dos grafismos pintados Tupi, e os acabamentos plásticos, correlacionados com o emprego recorrente do caco-móido como antiplástico, corpos mais robustos e queimas com um núcleo central escuro na secção transversal. Nesse território, as mãos de oleiras mestras e os olhares de aprendizes atentas certamente se encontraram, marcando também o meu olhar no presente.

Docente do Curso de Museologia da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás (FCS/UFG) e docente permanente do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFG), possui licenciatura em História pela Universidade de São Paulo, mestrado e doutorado em Arqueologia pelo Programa de Pós-graduação do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo e doutorado em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa.

Tive a oportunidade de estudar durante meu mestrado (2007 - 2010) no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, a coleção lítica do Sítio Arqueológico Rincão I, localizado em Rincão/SP.

O objetivo central da pesquisa foi estudar as cadeias operatórias de manufatura dos artefatos líticos (pedras lascadas), tendo por base à análise dos gestos e da tecnológica presente nos objetos, isto é, buscando-se as sequências de lascamentos para a interpretação dos objetivos dos artesãos, considerando suas habilidades, especialmente diante de tipos de arenito silicificado, de silexito e de quartzo, matérias-primas frequentes nesse rico contexto lítico.

Os resultados demonstraram ampla variabilidade de peças, lascadas principalmente com percutores duros e golpes diretos. Eram ameríndios hábeis na manufatura de instrumentos sobre lascas, unifaciais e bifaciais, utilizados para diferentes fins em seus cotidianos. Importante mencionar que a pesquisa contou com o apoio, em campo e laboratório, de renomados arqueólogos como Marisa Coutinho Afonso, Robson Rodrigues, Andrei Isnardis, Gustavo Neves de Souza e Juliana Luz, entre outros tantos colegas de profissão e de áreas afins, como Pedro Cheliz, que atualmente verticaliza mais a pesquisa na área do Sítio Rincão I, em seu doutorado, especialmente sob o viés geomorfológico e pedológico.

Doutor pelo programa de Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), mestre em Arqueologia brasileira pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), bacharel e licenciado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP).

O acervo lítico dos sítios BES 2 e 3, que compõem parte da topografia do MAPA, é testemunho milenar da ocupação humana no interior paulista. São vestígios encontrados no que hoje é o município de Boa Esperança do Sul, através de escavações que ocorrem por anos, e a cada nova etapa mais conhecimento se obtém.

Sua relevância é enorme, uma vez que nos conecta com um passado longínquo que muitos de nós sequer poderíamos imaginar que existisse. Acostumados há muito com uma origem que nos remete à colonização europeia, esses remanescentes de rocha são indícios que somos herança de algo que vai bem além da formação e “fundação” das cidades onde nascemos e vivemos.

A prova está aí, diante de seus olhos. Através das vitrines desse Museu, se desvelam antigas ferramentas de povos que ocuparam o mesmo espaço que agora chamamos de lar. Talvez não tenham deixado uma influência direta em nosso modo de ser, afinal, pelo menos alguns milhares de anos nos separam. Contudo, esses objetos documentos que vislumbramos, chegaram até nós e têm algo a nos dizer sobre quem somos e como viemos parar aqui. Provavelmente, contemplar esses raspadores, lascas, furadores, facas, percutores, núcleos e detritos de lascamento, nos tragam mais perguntas que respostas; mas é justamente isso que torna evidente sua importância, uma vez que nos mostra o quão pouco ainda sabemos sobre nós. Qual nossa relação com essas pessoas que só descobrimos que existiram através desses artefatos que representam apenas uma pequena porção de seu universo?

Temos diante de nós o que podemos chamar literalmente Nossa História de Pedra. Quer saber um pouco mais sobre você?”

Doutorando em Arqueologia pela Universidade de Extremadura (Espanha), Mestre em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP) e licenciado em História pelas Faculdades Integradas de Jaú (FIJ).

Tive a oportunidade de visitar o MAPA e conhecer os materiais arqueológicos sob sua guarda em 2012. Na ocasião, analisei algumas pontas de pedra pré-históricas do estado de São Paulo que compunham seu acervo. Esse material foi importante porque, junto de outros materiais de outras instituições, contribuiu para a caracterização desses artefatos no atual território de São Paulo.

Minha pesquisa demonstrou que há diferenças importantes entre Minas Gerais, São Paulo e os estados do sul, no que diz respeito à morfologia dessas pontas. Tais diferenças são expressas principalmente em termos da forma dos pedúnculos dessas pontas, que parecem seguir uma escolha cultural e não são fortemente afetados pelo tipo de matéria-prima utilizada. Nossa hipótese é que tal forma estaria fortemente relacionada às normas culturais e à identidade desses grupos humanos, sendo um elemento importante na definição de potenciais fronteiras culturais pretéritas.

Docente no Departamento de Genética e Biologia Evolutiva do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo, coordenadora do Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos, possui bacharelado e licenciatura em Ciências Biológicas pelo Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo, mestrado e doutorado em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo e pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP).

Minha colaboração com a Fundação Araporã e o Museu de Arqueologia e Paleontologia de Araraquara tem se destacado pela pesquisa sobre os primeiros grupos humanos no centro de estado e São Paulo, em especial com análises dos vestígios de pedra lascada e atuação nas escavações de sítios arqueológicos.

Minha primeira pesquisa no MAPA foi durante meu doutorado. Eu fiz uma análise tecnológica da indústria lítica do sítio Caetetuba, que havia sido inicialmente pesquisado pela Zanettini Arqueologia e sido revelado como um dos mais antigos do estado de São Paulo (11 mil anos). O sítio é hoje considerado o mais antigo associado à indústria lítica Rioclarense, dada sua cronologia e a presença de lesmas e pontas líticas com características particulares.

Posteriormente, realizei a análise das pontas líticas do acervo do MAPA. Os dados destas análises ainda serão publicados junto a dados de outras coleções do estado de São Paulo.

Atualmente, colaboro com os trabalhos realizados pela Fundação Araporã/MAPA nas escavações dos sítios Rincão I e Boa Esperança 2, localizados na região próxima à Araraquara. Estas pesquisas fazem parte do projeto de pesquisa do doutorando Pedro Cheliz, do Professor Dr. Francisco Ladeira e do Professor Dr. Robson Rodrigues. Estes sítios, assim como o Caetetuba, também têm apresentado cronologias do Holoceno Inicial para a região. As análises dos artefatos escavados ainda estão em andamento.

Para mim é uma honra poder colaborar com uma instituição tão importante para a pré-história brasileira, principalmente com colegas tão queridos que compõem a equipe.

Arqueólogo e pesquisador de pós-doutorado do Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos, Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, doutor em Arqueologia pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (MN-UFRJ), mestre em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da Universidade de São Paulo (USP) e bacharel em Arqueologia pelo Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO).

A coleção de artefatos de rocha lascada do sítio Rincão I, parte deles datados como criadas mais de 10 mil anos atrás, ilustra algumas das relações que se estabeleceram entre antigos grupos humanos caçadores-coletores e o meio natural do sudeste brasileiro.

As lascas e núcleos da coleção, vinculados a belos quartzos semi-translúcidos de diferentes cores, mostram com frequência claros sinais de terem em parte sido confeccionadas a partir de seixos carreados pelo Rio Mogi-Guaçu. Mostrando, assim, como tais grupos por vezes se voltavam para as planícies dos grandes rios do sudeste brasileiro para obter os recursos necessários à sua sobrevivência. As belas pontas de projéteis e artefatos plano-convexos, por sua vez, foram feitas a partir de arenitos semelhantes aos que afloram em escarpas rochosas das imediações do sítio do Rincão I. Representando, assim, o aproveitamento humano antigo de materiais geológicos presentes em vastas extensões dos bordos de planaltos do sudeste, centro-oeste e sul do Brasil. Particularmente impressionante são as lascas laminares da coleção deste sítio, que por vezes mostram-se tão finas e alongadas que demandariam um grau de perícia impressionante para serem confeccionadas mesmo para um artesão moderno que dispusesse de modernos instrumentos eletrônicos de precisão. A diversidade de tipos de rochas e variedade de formas vinculadas a tais artefatos ilustram a grande inteligência e a maestria de tais povos antigos tinham em obter e trabalhar os recursos do meio natural, características que os auxiliaram na sua sobrevivência por múltiplos milênios”.

Doutorando em Geografia na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), mestre em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), graduado em Geografia e Geologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

O sítio arqueológico Cemitério Maranata é um daqueles sítios icônicos para os pesquisadores da Arqueologia, seja por conta de sua história de embargos jurídicos duradouros, as constantes intervenções antrópicas no local ou no conjunto de artefatos descobertos em seu contexto. Encontrado no final de 1993, durante a obra de um conjunto residencial no município de Olímpia-SP, o sítio arqueológico chamou a atenção da população do bairro, que se surpreendeu com o número de ossos e urnas funerárias evidenciadas pelas máquinas que terraplanavam o terreno. Em 1994, após o achado foram chamados pesquisadores do MAE-USP, na pessoa da professora Silvia Maranca, e funcionários do IPHAN-SP que visitaram e inspecionaram o local, atestando o valor histórico da área e embargando as obras que ainda aconteciam. Nos anos seguintes, ocorreram diversos revezes na história do terreno, que foi utilizado como pasto, área de plantio, de descarte lixo e até como pista de motocross, porém em 2018, a construção de um condomínio deu início a um novo processo de licenciamento ambiental na área. O arqueólogo Robson Rodrigues foi o responsável pelo projeto de resgate do sítio e eu fui um dos arqueólogos que participaram da escavação. Após a escavação, o material foi enviado ao MAPA para ser devidamente curado e analisado. Logo quando iniciamos a análise nos deparamos com uma ampla variabilidade de vestígios, que nos apresentaram novas perspectivas sobre a ocupação da região; urnas pintadas, potes duplos, fusos cerâmicos, entre outros mostraram um contexto de interação entre diferentes povos da região da bacia do Rio Grande. Quando percebi o sítio já fazia parte do meu doutorado, sendo uma das peças centrais para minha tese.

O sítio arqueológico Cemitério Maranata é com certeza um dos sítios arqueológicos mais importantes do estado de São Paulo até o momento.

Doutorando em arqueologia pelo Programa de Pós-Graduação do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), mestre em Arqueologia pelo Programa de Pós-Graduação do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP).

GLOSSÁRIO

Cadeia operatória é o nome que damos à sequência de ações realizadas na produção de um objeto.

Calibradores são peças utilizadas para polir. Eles podem ser de pedras ásperas ou cacos de vasilhas quebradas. Seu uso constante resulta em marcas lineares em baixo relevo.

Pedúnculo é a parte inferior da ponta de projétil, aquela que se encaixa na haste. Ela pode ter muitas formas: triangular ou quadrangular; alguns ainda apresentam forma semelhante a um rabo de peixe (e por isso recebem esse nome).

Projétil é um nome genérico que utilizamos para designar ferramentas feitas para projetar. Integram essa categoria de instrumentos as flechas e as lanças.

Seixos são pedras com formato arredondado frequentemente encontrados em rios, ganham esse formato devido ao movimento das águas.

Sítios arqueológicos são os lugares em que encontramos vestígios da presença humana. Esses vestígios podem ser pedras lascadas, fragmentos cerâmicos, louças, vidros, etc. Podem ainda ser inscrições em suporte rochoso (denominados registros rupestres). Um sítio arqueológico pode ainda estar associado a ocupação, trabalho ou trânsito de populações no passado.

Tradição Arqueológica é um conjunto de técnicas observadas nos objetos arqueológicos que apresentam persistência temporal. Esse conceito não é brasileiro, foi criado por arqueólogos estado-unidenses e adaptado à realidade brasileira pelos pesquisadores do Programa Nacional de Pesquisa Arqueológica (PRONAPA). Contudo, o aumento das pesquisas arqueológicas nos anos 2000 e o conhecimento de novos contextos, vem mostrando que essa abordagem é insuficiente para compreender a complexidade das relações interétnicas do passado. nologia da Universidade de São Paulo, 2010.

REFERÊNCIAS

GALHARDO, Danilo. **Tecnologia Lítica: Estudo da Variabilidade em Sítios Líticos do Nordeste do Estado de São Paulo**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2010.

Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-30042010-163940/pt-br.php>

GROSSI, Fábio. **Sítios Líticos no Interior Paulista: Um Enfoque Regional**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2010.

Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-01112011-092458/pt-br.php>

MORAES, Camila A. de. **Arqueologia Tupi no nordeste de São Paulo: um estudo de variabilidade artefactual**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2007.

Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-10072007-155042/pt-br.php>

MORAES WICHERS, Camila A. de. **Patrimônio Arqueológico Paulista: propostas museológicas para sua preservação**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2012.

Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-19062012-133008/pt-br.php>

MORENO DE SOUSA, João Carlos. **Tecnologia de ponta a ponta: em busca de mudanças culturais durante o Holoceno em indústrias líticas do Sudeste e Sul do Brasil**. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, 2019.

RODRIGUES, Robson Antonio. **Os caçadores ceramistas do sertão paulista: um estudo etnoarqueológico da ocupação kain-gang no vale do rio Feio/Aguapeí**. 2007. Tese (Doutorado em Arqueologia), MAE/USP, São Paulo, 2007.

Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-12092007-141110/pt-br.php>

SCHIAVETTO, Solange Nunes de Oliveira. **Arqueologia regional e educação: propostas de estudos sobre um “passado excluído” de Araraquara/SP**. 2007. Tese (Doutorado em História Cultural), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280840>

ANEXO 1

Sítios arqueológicos ou coleções de doação sob salvaguarda do MAPA

Estado de São Paulo

1. Américo Brasiliense

- Bambu
- Jaboticaba

2. Araçoiaba da Serra

- Aeródromo

3. Araraquara

- Anjoca
- Capela
- Casca
- Fazendinha
- Igreja Velha
- Juriti
- Marilu
- Periquito

4. Arco Íris

- Coiós 1
- Coiós 2
- Coiós 3
- Coiós 4
- Fogo 1

5. Ariranha

- Ariranha I

6. Artur Nogueira

- Ribeirão da Boa Vista

7. Bady Bassit

- Rio das Pedras

8. Balbinos

- Balbinos I

9. Barretos

- Colina I
- Córrego do Capim I
- Córrego do Capim II
- Ribeirão das Pitangueiras
- São José
- Área de Ocupação Histórica
- Rio Grande
- Santa Helena III
- Córrego Novo I
- Córrego Novo II
- Do Poço
- Fazenda Matão I
- Fazenda Matão II
- Fazenda Matão III
- Fazenda Santa Maria
- Fazenda Rio Pardo I
- Fazenda Rio Pardo II
- Fazenda da Mata I

10. Boa Esperança do Sul

- Barrinha
- Boa Esperança do Sul I
- Boa Esperança do Sul II
- Boa Esperança do Sul III

11. Botucatu

- Água Espalhada
- Araquá I
- Araquá III
- São Manuel
- Serrito
- Retiro I
- Sobrado

12. Bragança Paulista

- Toca da Paineira
- Santa Sabina

13. Brotas

- Coleção Wilson Palaro Júnior

14. Buritizal

- Cachoeira
- Campo Redondo
- George

15. Cândido Rodrigues

- Cândido Rodrigues

16. Cajobi

- Nova

17. Colômbia

- Água fria

18. Campinas

- Santa Paula

19. Catanduva

- Catanduva I

20. Colina

- Santa Helena I
- Ibiúna

21. Estrela D'Oeste

- Macaco

22. Fernandópolis

- São Manuel

23. Fernando Prestes

-Fernando Prestes I

24. Florínea

-Florínia I

25. Guaíra

-Beira Rio I

-Beira Rio II

-Beira Rio III

-Beira Rio IV

-Beira Rio V

-Beira Rio VI

-João Pedro I

-João Pedro II

-João Pedro III

-João Pedro IV

-João Pedro V

-Fazenda Bananal

-Fazenda Jataí I

-Fazenda Jataí II

-Fazenda Jataí III

-Fazenda Barreiro I

-Fazenda Cuiabano I

-Fazenda Cuiabano II

26. Guaraci

-Caixa D'Água I

-Caixa D'Água II

-Córrego Criciúma

-Guaraci

27. Guarani D'Oeste

-Boa Sorte

28. Gavião Peixoto

-Gavião Peixoto I

-Gavião Peixoto II

29. Guapiaçu

-Zelux

30. Ibiúna

-Cachoeira França II

31. Iacanga

-Água Espalhada II

-Bacuri

-Ribeirãozinho III

32. Iracemápolis

-Mercedes Benz

33. Itápolis

-Malosso I

-Malosso II

34. Ituverava

-Coleção Vadeci Pereira de Oliveira (doação)

35. Jeriquara

-Abacate

-Aroeira

-Mangueira

-Pimenta

-São Paulo

-São Luís

36. Junqueirópolis

-Alvorada I

-Alvorada 2

-Alvorada 3

-Alvorada 4

37. Luís Antônio

-Matão Luiz Antônio 2

-Matão Luiz Antônio 4

38. Matão

-Coleção Doação Cláudio

-Colônia

39. Maracaí

-Capivara

40. Monte Alto

-Monte Alto I

-Monte Alto II

-Monte Alto III

-Monte Alto IV

-Monte Alto

41. Morro Agudo

-Morro Agudo 02

-Morro Agudo 03

-Morro Agudo 04

-Pitangueiras I

-Pitangueiras 2

-Pitangueiras 5

-Pontal 01

-Pontal 02

-Santo Inácio 01

42. Olímpia

-Olímpia I

-Olímpia II

-Olímpia III

-Olímpia IV

-Olímpia V

-Olímpia VI

-Olímpia VII

-Limoeiro

-Rio Cachoeirinha I

-Rio Cachoeirinha II

-Cemitério Maranata

-Coleção Eupídio Grippa (doação)

43. Ouroeste

-Rio Grande I

44. Palmares Paulista

-Palmares Paulista I

45. Pedranópolis

-Sucuri I

-Marinheiro

46. Pedregulho

-Clemente I

-Alto da Boa Vista

47. Pindorama

-Pindorama

48. Pirangi

-Pirangi I

-Pirangi II

-Pirangi III

-Pirangi IV

-Pirangi V

49. Pirassununga

-Cachoeira de Emas I

-Cachoeira de Emas 2

-Cachoeira de Emas 3

50. Pitangueiras

-Pitangueiras I

-Pitangueiras 2

51. Pongaí

-Santa Helena

-Harmonia

52. Pontalinda

-Quebra Canzil I

-Quebra Canzil 2

53. Populina

-Populina I

54. Porto Ferreira

-Água Parada

55. Porto Feliz

-Coleção Francisco Donato (doação)

56. Quatá

-Quatá I

-Quatá II

57. Reginópolis

-Batalha I

58. Ribeirão Bonito

-São João

59. Ribeirão Corrente

-Iracema

60. Ribeirão Preto

-Condomínio de Dutos

61. Rincão

-Rincão I

-Rapatoní

62. Santa Lúcia

-Monjolo

-Monte Alto

-Pirapora

63. Santa Rita do Passa Quatro

-Fazenda do Brejão

-Coleção Maurício Corrêa Dias (doação)

64. Santo Antônio da Posse

-Santo Antônio da Posse I

65. São Carlos

-Palmeiras

-Scatena I

-Scatena II

66. São Manuel

-Caetetuba

-Retiro II

-Palmeira do Araquá

-Palmeiras

67. Tanabi

-Córrego do Mangue

-Fazenda Nova I

-Fazenda Nova II

68. Taiaçu

-Taiaçu I

-Taiaçu II

69. Taquaritinga

-Taquaritinga I

70. Vargem Grande Paulista

-Agreste

71. Vista Alegre do Alto

-Vista Alegre do Alto II

-Vista Alegre do Alto III

Municípios do estado de São Paulo que possuem ocorrências arqueológicas sob salvaguarda do MAPA

1. Bauru
2. Ourinhos
3. Buritizal
4. Miguelópolis
5. Igarapava
6. Barueri
7. Jaú
8. Icém

Sítios ou coleções arqueológicas de outros estados sob salvaguarda do MAPA

Ibiporã/PR

- Ibiporã I

Jataizinho/PR

- Jataizinho

São Jorge do Oeste/RS

- Coleção Matheus (doação)

São Félix do Xingu/PA

- Brusque I
- Brusque II
- Brusque III
- Brusque IV
- Brusque V
- Da Paz I
- Da Paz II
- Da Paz III
- Da Paz IV
- Da Paz IV

- Da Paz V
- Da Paz VI
- Da Paz VII
- Da Paz VIII-Marim I
- Mundo Novo I
- Mundo Novo II
- Mundo Novo III
- Mundo Novo IV
- Mundo Novo V
- Mundo Novo VI
- Mundo Novo VII
- Rancho Grande I
- Rancho Grande II
- Rancho Grande III
- Rancho Grande IV
- Santa Luzia I
- Santa Luzia II
- Santa Luzia III
- Santa Luzia IV
- Santa Luzia V
- Santa Luzia VI
- Santa Luzia VII
- Santa Luzia VIII

Arraias/TO

- Barra do dia I
- Barra do dia II
- Barra do dia III
- Barra do dia IV
- Furna Lapa do Bom Jesus
- Jucelino I
- Jucelino II

- Mundo Novo I
- Mundo Novo II
- Mundo Novo III
- Mundo Novo IV
- Rio Bezerra I
- Rio Bezerra II
- Rio Bezerra III
- Área de Ocupação Histórica
- Córrego do Poção I
- Córrego do Poção II-Córrego do Poção III e IV
- Córrego Poção V
- Fazenda Coité
- Fazenda Coité II
- Fazenda São Matheus I
- Fazenda São Matheus II
- Fazenda São Matheus IV
- São Bento I
- São Bento II

CATÁLOGO

De dentro para fora:
as coleções de referência
de Arqueologia do MAPA



Museu de Arqueologia e
Paleontologia de Araraquara